

O CORPO FEMININO NA LITERATURA AFRICANA DE AUTORIA FEMININA

THE FEMALE BODY IN AFRICAN LITERATURE BY FEMALE AUTHORS

Prof^ª Dr^ª Cíntia Acosta Kütter (UFRA)

Prof.Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

Prof^ª.Dr^ª. Verônica Prudente Costa (UFRR)

O dossiê *O corpo feminino na literatura africana de autoria feminina* tem como objetivo a divulgação de artigos de pesquisadoras(es) brasileiras(os) ou estrangeiras(os) que se debruçam sobre a produção literária de autoras provenientes de países africanos. Desse modo, propõe-se a divulgar as discussões feitas acerca do corpo feminino africano, sob a égide dos estudos pós-coloniais, decoloniais, de gênero, interseccionalidade, violências, traumas e sexualidades, não sendo restrito apenas a eles. Acolhemos aqui textos que discutem temáticas relevantes ao corpo feminino, nas obras literárias, a fim de agregar e divulgar as produções e debates a respeito do tema em diferentes línguas (português, francês, inglês e espanhol) no continente africano e/ou fora dele. Nesta publicação, serão encontrados trabalhos que dialogam com o ensino de literatura de autoria feminina nas escolas e universidades, bem como as abordagens sobre as múltiplas facetas da mulher na literatura; e trabalhos que estão em diálogo com as literaturas de outros espaços, em especial aquelas que privilegiam as relações Sul-Sul.

A produção literária africana e afro-diaspórica de autoria feminina vem ocupando os espaços de discussão acadêmica no âmbito dos estudos literários, já há algum tempo, devido à peculiaridade dos recorrentes temas voltados para questões culturais e de gênero presentes em poemas, contos e romances de escritoras que recorrem à literatura como espaço ficcional para discussões políticas orientadas para temas que tensionam as relações de raça, classe e gênero sob um ponto de vista feminino e feminista.

Desta forma, definir as relações de raça, classe e gênero na literatura afro-brasileira é um exercício complexo. A demarcação de fronteiras, no que diz

respeito a estas relações, está cada vez mais indistinta, principalmente com as oscilações teóricas e ideológicas que orientam os estudos literários e tornam cada vez mais instigantes as investigações sobre a literatura produzida por mulheres e da diáspora africana. O estudo do corpo nas literaturas africanas de autoria feminina tem por objetivo colocar em debate questões crítico-literárias que se proponham a pensar possibilidades de representação das várias transgressões sociais, sobretudo no que tange ao corpo feminino, por meio da memória e da insulbalternização e/ou subalternização das mulheres frente aos diversos sistemas de opressão de raça, classe e gênero.

Para isso, Susan Sontag (2003) aponta para pensarmos de que maneira a personagem feminina se coloca no lugar do *outro* e como a recíproca, não sendo verdadeira, passa a incomodar a sociedade. Nesse sentido, Gayatri Spivak (2010) sinaliza o lugar destinado às mulheres como problemático, visto que a autora propõe uma discussão sobre a questão do gênero feminino estar destinado à subalternidade, ou seja, não poder falar; e Oyewumi (2021) nos conduz a pensar o afro-feminismo a partir de uma construção de vários sentidos africanos que problematizam os discursos ocidentais de gênero. As questões relacionadas à transgressão, à memória e à (in)sulbalternização femininas presentes nas obras literárias de origem africanas e/ou afro-diaspóricas produzidas por mulheres, ou seja, estudos das manifestações literárias africanas e afro-diaspóricas em suas mais diversas possibilidades de análise crítica de textos poéticos, narrativos e dramáticos, são caminhos que podem sugerir reflexões relevantes sobre o corpo nas literaturas africanas de autoria feminina.

Partindo do princípio de que a literatura africana de autoria feminina estabelece uma política de problematização com as ideologias colonizadoras eurocêntricas, os textos reunidos nesta miscelânea de artigos discutem como se constituem as interfaces estéticas e ideológicas nas tessituras literárias africanas, por meio de um imaginário de representação que se forma através da dissimulação, da militância e da descolonização, evidenciando o modo como as relações de gênero se estabelecem e delimitam os traços políticos e culturais que tangenciam e/ou tencionam toda a escritura dessas literaturas, no tocante aos pactos celebrados na representação do sujeito contemporâneo que não se cansa de encenar e enunciar, pontuando o discurso fragmentado e erguido em meio a representações da memória que perpassa por entre labirintos reconfigurados no processo de construção e desconstrução no qual está imerso. Os textos aqui reunidos sinalizam, nas inferências das pesquisas apresentadas, as vozes dos discursos que trazem à baila as

aproximações e também os distanciamentos que se operam nos elementos constitutivos do texto literário africano de autoria feminina como função social e espaço de representação desse sujeito. O imaginário e a memória são fatores preponderantes para o cotejamento das literaturas africanas de autoria feminina, no que diz respeito à “denúncia” de um sujeito que está sempre em processo de reelaboração impingindo os seus valores socioculturais, religiosos, políticos e econômicos, que evidenciam uma verdadeira polifonia nos seus (inter)discursos.

A produção literária africana e afro-diaspórica de autoria feminina precisa ocupar ainda mais espaços nos congressos internacionais, pois, até o momento, ainda é considerada, por parte da crítica literária eurocentrada, como uma produção pouco significativa e irrelevante, se comparada ao cânone literário oficial, o qual ainda é composto massivamente por homens, mesmo diante de todo o movimento acadêmico das universidades brasileiras e internacionais que discute o binômio Mulher e Literatura. Esse posicionamento, contudo, não tem se fundamentado em critérios suficientemente válidos. Dessa forma, o gênero, através de seu próprio questionamento, problematiza o fenômeno literário, e sua trajetória na contemporaneidade oferece novas perspectivas sobre as mudanças e revisões cartográficas das literaturas africanas e afro-diaspóricas de autoria feminina.

A produção literária de escritoras, como Chimamanda Adichie (Nigéria), Buchi Emecheta (Nigéria), Fatu Diome (Senegal), Hironidina Joshua (Moçambique), Rinkel (Moçambique), Sónia Sultuane (Moçambique), Paulina Chiziane (Moçambique), Ken Bugul (Senegal), Nawal El Saadawi (Egito), Fatema Mernissi (Marrocos), Ama Ata Aidoo (Gana), Odete Semedo (Guiné Bissau), Conceição Lima (São Tomé e Príncipe), Yvonne Vera (Zimbabwe), Warson Shire (Quênia), Léonora Miano (Camarões), e crítica feminista africana feita por Theo Sowa (Gana), Osai Ojibo (Nigéria), Luimah Gbwee (Libéria), Minna Salammi (Nigéria), Amina Doherty (Nigéria), Nana Sekyiannah (Gana), Amina Mama (Nigéria), Yewande Omotoso (Nigéria), Parity Kagwiria (Quênia), Yaba Badoe (Gana), Aisha Ibrahim Fofana (Serra Leoa), entre outras, mostra uma cumplicidade feminina que se constrói para discutir temas que corroboram com a territorialização da autoria feminina, em um campo minado por ideologias machistas e patriarcais em países africanos e da diáspora que obnubilam temas, *exempli gratia*: aborto, abuso sexual, tráfico de mulheres e de drogas, pedofilia, prostituição, lesbianismo, maternidade, casamento, guerra civil, colonialismo, pós-colonialismo, descolonização, identidade cultural, religiosidade, direitos humanos,

ativismo político e feminismo africano. Desta forma, este dossiê incute uma discussão que viabiliza o ponto de vista feminista africano e afro-diaspórico como categoria problematizadora das questões de raça, classe e gênero, em textos críticos e literários elaborados por mulheres africanas e da diáspora africana que mostram o corpo feminino como uma categoria de análise e de intersecção epistemológica.

O artigo intitulado **CORPOS E RESISTÊNCIA EM *MATA DOCE* E *A CASA DE 365 JANELAS*** mostra que os Estudos Culturais, as discussões sobre questões de gênero e a Crítica Feminista mudaram consideravelmente abordagens teóricas sobre as narrativas de ficção. A violência de gênero, que tem ressurgido, retomando conceitos machistas, advindos do patriarcado, continua a gerar consequências físicas e psicológicas e mortes, principalmente a negros, pobres, indígenas e de outros grupos considerados minoritários. Com base nisso, voltamos nosso olhar para romancistas que em sua escrita redefinem o papel autoral, explorando temáticas que fazem repensar momentos históricos, espaços e memórias, os quais levam a novas dimensões e alargamento do cânone literário. O artigo mostra uma análise dos romances *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, e *A casa de 365 janelas* (2020), de Deolinda Saraiva. As personagens representam resistências a sistemas opressores. Estas narrativas de ficção confirmam a importância para a Literatura Afro-brasileira, trazendo a lume vozes que, durante séculos, foram silenciadas em corpos que sofreram diversas formas de opressão e preconceitos. Assim, por meio da arte literária, discutimos práticas e condicionamentos que perpetuaram violências a diversas comunidades subalternizadas. São narrativas a partir das quais se pode refletir sobre um longo período de escravização-escravidão do povo negro, em que se negou vez e voz a esse povo. Os corpos femininos e a resistência presentes nas narrativas em tela levam-nos a trazer para a cena uma escrita contemporânea afro-brasileira que precisa ainda ser muito estudada pela crítica literária atual.

BORDAR NAS MALHAS DA POESIA: UMA POÉTICA DO FIAR EM JUSSARA SALAZAR propõe uma leitura do livro *Fia*, da autora brasileira contemporânea Jussara Salazar. Publicado em 2016, o livro é dedicado às rendeiras pernambucanas de Gravatá do Gomes e como elas passam as tradições entre si e entre gerações pelo contar/fiar de histórias. A partir dos textos de Georges Didi-Huberman (2017, 2019, 2024) são analisadas as relações entre memória, escrita e desejo com o movimento do bordar. O artigo de Teresa Cerdeira (2000) é um apoio para compreender

o bordado e o seu avesso em uma dimensão plurissignificativa. A partir da leitura dos poemas, é analisado como o ato de tecer é um ato de escrever, de sobrevivência e de tessitura do texto poético. Atravessado por fábulas, orações, contos, desejos, pessoas, *Fia* abre os horizontes dos leitores e críticos para uma história silenciada, para uma lacuna na historiografia do Brasil: as das rendeiras do povoado de Poção, do agreste de Pernambuco. Há um desejo movente na escritora em descortinar um outro Brasil, muitas vezes apagado e silenciado, e trazê-lo a lume por meio da palavra poética. A escrita de Jussara Salazar surge, desse modo, como um bálsamo frente a uma política de extermínio da memória cultural de um povo.

Lendo ***RECONSIDERING ANAFEMALE BODIES IN AFRICAN SELF-WRITING***, percebemos que só recentemente o imperativo ontológico do corpo feminino negro africano foi sujeito a uma ampla gama de investigações literárias. A tripla ameaça traumática de subjugação, exploração e exclusão (ou possivelmente, deslocamento) do corpo (o corpo negro, africano, feminino), sob a tríade de raça, classe e gênero, está na linha da frente dos discursos feministas e, na verdade, humanistas. A partir das lentes das abordagens teóricas feministas africanas de Oyewumi Oyeronke (1997) e Ifi Amadiume (2002), este artigo oferece um estudo crítico sobre a natureza do determinismo biológico na compreensão das categorias de sexo e gênero no meio africano como um precursor para a conceptualização da “mulher”, sob a hegemonia (neo)colonial do poder. Ao fazê-lo, este artigo fornece uma análise do corpo feminino como um local de fluidez, dissidência e transgressão em Freshwater (2018), de Akwaeke Emezi, em oposição às normas eurocêtricas de gênero.

ENTRE O CORPO E A VOZ: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE FEMININA E EROTISMO NA POESIA DE PAULA TAVARES E GILKA MACHADO traz como a vitalidade da voz e as perspectivas sobre o corpo podem atuar na condição de elementos de destaque na constituição das subjetividades femininas nos textos poéticos. As obras de Paula Tavares e Gilka Machado dialogam e aproximam as fronteiras de Angola e Brasil, quando exibem em seus textos protagonismos e vivências peculiares dos universos femininos. Assim, partindo de reflexões de Grosz (2000) sobre as reconfigurações dos corpos, bem como utilizando-se das considerações de Oyewùmí (2022), Bataille (1987) e Octávio Paz (1994), a respeito do erótico e as relações com a poesia, o trabalho traz poemas de “O lago da lua” (1999), de Tavares, e “Meu glorioso pecado” (1928), de Machado, que exibem o protagonismo das mulheres nas suas

experiências consigo mesmas e com o outro. Por meio das leituras dos poemas, a força vitalícia da poesia de Paula Tavares e Gilka Machado se cruzam no cenário da poesia produzida em língua portuguesa. Se a obra de Tavares se constrói sobre bases já sólidas da literatura angolana, é com sua voz que essa literatura alcança novas projeções e lança-se de maneira expressiva no cenário internacional, fato relevante para uma escritora viva, com uma dicção marcadamente feminina, angolana e dissonante; já a poeta brasileira exibe sua vitalidade expressiva e reclama ao público contemporâneo sua revisitação. A escrita das referidas autoras exige um olhar atento da crítica, sem abordagens que beiram a exotização e limitação destas veias poéticas.

INCITANDO VOZES DO SILÊNCIO EM PAULINA CHIZIANE: RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E MEMÓRIA EM “AS CICATRIZES DO AMOR”

endossa que Paulina Chiziane, com uma linguagem rica e poética, faz uma literatura que abordar temáticas socioculturais que afetam a vida das mulheres e das minorias em Moçambique, problematizando desigualdades e injustiças sociais. Nesse contexto, o conto “As cicatrizes do amor” — presente na coletânea de literatura e direitos humanos *Griots* (2020) —, foco deste trabalho, narra a história de Maria, uma mulher moçambicana proprietária de um bar que, ao ser confrontada por uma notícia de jornal sobre uma mãe que abandona os filhos, resgata momentos traumáticos de sua própria história de vida, em que se viu em uma situação semelhante e sem qualquer tipo de apoio. O artigo desenvolve uma análise da experiência da personagem Maria, destacando problematizações relacionadas às questões de gênero e memória. Para isso, é utilizado como escopo teórico os trabalhos de Oyèrónké Oyèwùmí (2004), Ifi Amadiume (2006), Hampaté Bâ (2010) e Maurice Halbwachs (1990), além da fortuna crítica da obra de Chiziane.

MVELO: CORPO-VOZ-FEMININO NO ROMANCE SEM GENTILEZA (2016), DE FUTHI NTSHINGILA apresenta uma análise literária que, atentando às tendências da literatura de determinado período histórico ou país, é, comumente, uma tarefa complexa. Não obstante, essa complexidade se amplia quando temos um mote, em constante circunscrição dentro dos Estudos Literários, como a Literatura de Autoria Feminina. Sem desconsiderar a variedade de estilos, conceitualmente, sobre tal vertente e suas múltiplas especificidades em termos de discurso, acordou-se afirmar que a Literatura de Autoria Feminina incidiria em obras perpassadas pela ‘vivência da mulher’ e como a sua identidade molda sua ótica sobre o mundo. O artigo objetiva

refletir acerca da representação do corpo-voz feminino da personagem Mvelo, no romance *Sem Gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila, bem como conjecturar acerca da escrita de Autoria Feminina na África do Sul, sob a égide dos estudos pós-coloniais. Como fundamentação teórica, este trabalho revisita teóricos, como Xavier (2021), Pereira (2012), Mbembe (2016), Hill-Collins (2020, 2022), Hooks (2020), entre outros.

O NASCIMENTO DA VOZ NOS DIÁRIOS DE ALEJANDRA PIZARNIK, ALICE WALKER E MARIA GABRIELA LLANSOL procura investigar as relações entre a escrita diarística e a ideia de voz. Inicialmente, propõe-se uma introdução que apresenta o gênero diário. Em seguida, o texto avalia, a partir de uma rede contígua de contatos e possibilidades de aproximação entre literatura, crítica literária e psicanálise, alguns trechos dos diários de três escritoras importantes do século XX: Diários, da argentina Alejandra Pizarnik; *Colhendo flores sob incêndios*, da americana Alice Walker, e; os *Livros de Horas*, da portuguesa Maria Gabriela Llansol. Partindo do que propõe Lucia Castello Branco, na recente edição de *O que é escrita feminina*, é verificado em que medida a proposição dos diários pelas autoras mencionadas encena uma ultrapassagem do sentido tradicional e tributário de uma compreensão do literário apenas como representação. Como lembra Llansol, em *Lisboaleipzig I*, talvez seja necessário ir ao encontro da textualidade e buscar uma afirmação da escrita como figuração, apresentação, como um vivo. Os diários aqui estudados revelam, dessa maneira, um modo de existir a partir do exercício de voz pela escrita, aproximando subjetividade, assinatura e testemunho, conforme o entendimento de Shoshana Felman (1993). Outrossim, para percorrer os sentidos da voz e suas aproximações com o vazio, o silêncio, o eco e o grito, recorre-se às proposições crítico-teóricas de Jean-Michel Vives (2020) e Erik Porge (2014).

ANCESTRALIDADES AFRODIASPÓRICAS NA LITERATURA: NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO SOCIAL DE CONCEIÇÃO EVARISTO propõe uma análise do pensamento social de Conceição Evaristo empregado nas obras *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'água*. Ao partir do pressuposto de que a autora se insere como expoente do pensamento social brasileiro, junto do entendimento dessas obras como literatura diaspórica, busca investir, na análise, observações sobre como a narrativa dessas obras investe em uma identidade valorativa de um 'eu anunciador negro' e que seus personagens são negros, em vista de uma imagem e construção identitária. A ancestralidade permeia todo o conjunto discursivo da obra, tanto por meio de elementos que remetem ao diálogo/aliança com os

ancestrais, como das reivindicações para novas vidas possíveis de serem vividas. Assim, com base nos estudos de Oliveira (2005). Sobre ancestralidade, é estabelecido um percurso investigativo nas três obras selecionadas, de modo a perceber as convergências e divergências, por meio da narrativa endereçada em cada obra, que exibem experiências e a construção identitária de uma corporeidade negra como valorativa. De tal modo, a ancestralidade serve como um fio condutor para perceber e compreender as trajetórias e histórias de vidas de personagens que parecem se confundir com histórias reais. Acredita-se que, a partir da análise, Conceição Evaristo permite estabelecer uma conexão, tanto em sua narrativa permeada pelo diálogo ou pela própria ancestralidade como uma educação do olhar, da sensibilidade de seus/as leitores/as, um encantamento do mundo em que a ancestralidade é percebida/aderida ao tempo em movimento.

CORPO, ESPAÇO E CONHECIMENTO EM POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DE MOÇAMBIQUE propõe uma reflexão sobre a poesia contemporânea em Moçambique, nas obras *Os Ângulos da casa*, de Hirondina Joshua, e *de terra, vento e fogo*, de Lica Sebastião, refletindo os novos ares e poéticas propostos pela autoria feminina no corpus literário moçambicano. Como lembra Leite (2009), a literatura, ou a poesia, ocupa um lugar de forma-abrigo na escrita, construindo, assim, um *locus* de ação e (re)existência para os sujeitos que se enunciam, bem como suas possibilidades de representação. Tal acepção corrobora com a reflexão, também, sobre o contemporâneo na literatura e, sobretudo, a reinvenção da contemporaneidade, mencionada por Noa (2015). A poética dessas autoras constrói um diálogo entre o individual e o universal, o íntimo e o coletivo, o real e o ficcional, a partir das metáforas propostas do corpo, natureza e espaço. Além disso, as literaturas em tela provocam, também, a leituras que refletem a construção do conhecimento e os jogos de poder que esse processo epistemológico é contextualizado, construindo uma singularidade emancipatória como projeto estético-literário identitário. Assim, além dos autores mencionados, o texto propõe um estudo a partir das considerações críticas de Curiel (2020), Mbembe (2019), bem como de Manjate (2015) e Mendonça (1995), ponderando sobre as exposições do eu na poesia lírica e aspectos que abarcam a expressão poética contemporânea nesse território.

“EU DIGO NÃO, E REFORMULO”: OS LUGARES DA MULHER ENCENADOS EM “ACONTECEU EM GÃ-BIAFADA” DA ESCRITORA GUINEENSE ODETE SEMEDO discute as estratégias textuais configuradas por

Odete Semedo, escritora da Guiné-Bissau, no conto “Aconteceu em Gã-Biafada”, integrante do volume *Djênia: histórias e passadas eu ouvi contar II*, publicado em 2000, que demonstram uma urdidura criativa ancorada na memória. No conto, prevalecem indícios de indagações à tradição, encenados, sobretudo, pela personagem Lamarana, uma jovem mulher oriunda da tabanca que empresta nome ao conto. Semedo, nesta passada, mantém-se alinhada a um dos pilares de seu projeto literário marcadamente politizado e tensiona, via roda de contação, os lugares definidos na sociedade guineense para o ser mulher. A escrita de Semedo operacionaliza uma complexa costura de elementos da tradição ao mesmo tempo em que sinaliza reformulações nesse mesmo mutável e, por conseguinte, transmuta-se em vigorosa ferramenta para a libertação humana.

A CELEBRAÇÃO DA NATUREZA FEMININA EM O MAMÃO, DE PAULA TAVARES faz reflexões sobre a arte literária de Paula Tavares, autora angolana, cujo texto “O mamão”, bem como sua obra poética, está umedecido das metáforas de fecundação e concepção, associando signos da sementeira aos da sementeira corporal símiles à escrita poética. Uma análise que se estrutura na obra de Bosi, *Reflexões sobre a arte* (1991), e, ainda, excertos da poetisa desde *Amargos como os frutos – poesia reunida* (2011).

A LUTA E A LUTA DA MULHER AFRICANA: CORPO E VOZ NA POÉTICA ANGOLANA sugere, a partir da leitura de fragmentos do diário íntimo da guerrilheira e escritora angolana Deolinda Rodrigues, além da poesia dessa autora (publicada postumamente) e de mais duas poetisas angolanas, Paula Tavares e Isabel Ferreira, uma reflexão sobre a luta da mulher angolana – representante de outras mulheres nos diversos espaços africanos –, em meio às lutas por liberdade, dignidade e cidadania persistentes no continente africano. As histórias de opressão colonial, a brutalidade das guerras de libertação e as disputas internas nos movimentos revolucionários exigiram determinação e coragem por parte dos africanos, uma luta comum a todos os gêneros. Às mulheres, no entanto, restou uma luta particular contra o patriarcalismo, própria de uma herança da cultura ocidental imposta desde o colonialismo e, concomitantemente, proveniente de algumas tradições ancestrais em que se prioriza(va) a vida e a presença masculinas, desprivilegiando a mulher. Há, por outro lado, referências matriarcais na ancestralidade africana, com personagens históricas a revelarem o empoderamento feminino, que influenciam as autoras evidenciadas no artigo e outras tantas mulheres africanas em luta. Da mesma forma, há influências dos

movimentos feministas e pós-coloniais que, contemporaneamente, fundamentam o feminismo africano. A luta feminina em África ainda exige posicionamento, coragem e expectativa, mas já se podem comemorar os avanços obtidos por mulheres aguerridas e incansáveis.

Feita a devida apresentação dos artigos que compõem a miscelânea de investigações que se pautam no estudo das várias possibilidades de se entender o corpo nas literaturas africanas e outras de autoria feminina, fica o convite para a leitura e para disseminação crítica e receptiva por parte de todas e todos que vão fazer deste acervo um mote para reflexões e debates nas mais diversas localidades de troca de conhecimento, fazendo das pesquisas aqui elencadas um produto de impacto na área de Literatura e dos Estudos Africanos e Afro-brasileiros.

Prof^a Dr^a Cíntia Acosta Kütter (UFRA)

Prof.Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

Prof^a.Dr^a. Verônica Prudente Costa (UFRR)